

NARRATIVAS DE UM PERÍODO ATÍPICO: Estágio no Ensino Remoto Emergencial em meio a pandemia de Coronavírus

Gustavo Roberto de Lima ¹
Beatris Cristina Possato ²

RESUMO

Neste texto busco refletir sobre a prática de estágio supervisionado no Ensino Remoto Emergencial (ERE) em um colégio de aplicação de uma universidade federal e como esta contribui para a formação docente de um licenciando em Ciências Sociais. O ERE, justificado pela pandemia de COVID-19, se coloca como uma situação limite que possibilita pensar em um inédito-viável, conforme fala Paulo Freire. Desta forma, faço apropriação das metodologias autobiográficas para produzir uma narrativa a partir dos registros, em diário de campo, das experiências que permitem pensar como a prática afeta a forma de ver e atuar na educação básica e quais são os aprendizados do ERE que podem ser levados para o ensino presencial no pós-pandemia.

Palavras-chave: Autobiografia, Estágio, Ensino Remoto Emergencial (ERE)

INTRODUÇÃO

Pedaços de tempo que, de fato, se achavam em mim, desde quando os vivi, à espera de outro tempo, que até poderia não ter vindo como veio, em que aqueles se alongassem na composição da trama maior. Às vezes, nós é que não percebemos o “parentesco” entre os tempos vividos e perdemos assim a possibilidade de “soldar” conhecimentos desligados e, ao fazê-lo, iluminar com os segundos a precária claridade dos primeiros (FREIRE, 2012, p. 26).

A partir deste pequeno recorte feito de Pedagogia da Esperança tento expressar o processo de reflexão que justifica a ação de levar a cabo a narrativa sobre as experiências em geral, mas em especial aquelas que exigem resiliência – uma transformação ao vivenciar situações adversas. Na escrita da obra referida, Freire (2012)

¹ Especializando em Práticas Pedagógicas na Educação Contemporânea do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - IFSUDESTEMG, lima.gustavo@estudante.ufjf.br;

² Professora orientadora: Doutora em Educação e Professora do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - IFSUDESTEMG, bia.possato@ifsudestemg.edu.br.

reafirma sua ética docente e pensa sobre a influência de suas experiências sobre sua prática, sua escrita e seu ethos³.

Com este texto me coloco a pensar e escrever sobre as experiências de estágio em um período pandêmico, em um formato completamente distinto que se adotou chamar Ensino Remoto Emergencial (ERE). Essa situação pode ser interpretada, a partir de Freire (2012), como uma situação limite exigindo que vislumbremos um inédito-viável, uma possibilidade de superação desse contexto de crise, que venha a se tornar mais e mais um percebido destacado, um pensar que se torna agir sobre o mundo.

Reflico também como as experiências vivenciadas ao longo da prática de estágio influem sobre o tornar-se docente e para além busco compartilhar os saldos dessa ação-reflexão com o todo social em que estou imbricado, deixando gravadas de alguma forma as marcas da minha existência tal como falam Souza e Passeggi (2011) ao refletirem sobre as pesquisas autobiográficas.

A experiência de estágio supervisionado que me remeto neste texto, foi vivenciada por mim, como estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ao longo do segundo semestre letivo de 2020, acompanhando as aulas de Sociologia nas turmas dos três anos do Ensino Médio do Colégio de Aplicações João XXIII, pertencente a Universidade. Trata-se de uma experiência particular, pois ocorreu em meio a uma pandemia do vírus SARSCOV-2. Esse fato exigiu em dado momento isolamento social, com remanejamento do ensino escolar para um modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Esse trabalho adquire importância ao se tratar de uma experiência atípica de estágio, mas que pode ser comum a muitos outros estudantes, que realizaram suas práticas neste período e que dada a variedade de contextos, foi possível vivenciar distintas adaptações das práticas ao momento pandêmico.

Aqui, objetiva-se então, não só compartilhar as adaptações feitas na sala de aula pelo Colégio de Aplicação João XXIII e vividas por mim, mas analisar o que foi vivenciado neste momento do ERE. Essa análise será feita a partir daquilo que vários autores que falam sobre a escola, tentando revelar os pressupostos que embasam a educação nacional, e que precisam ser pensados criticamente, nos permitindo vislumbrar uma superação do modelo autoritário e liberal, que se coloca como neutro,

³ Entendido aqui como o modo de ser no mundo, com referência aos valores, hábitos e costumes que o ser carrega consigo na sua relação com e no mundo.

tal como aponta Luckesi (2008), buscando um modelo dialógico e progressista, semelhante aquilo que fala Freire (2020).

METODOLOGIA

Ao longo de toda prática o diário de campo, entendido como um diário de bordo que permite anotar tudo o que concerne a pesquisa, foi adotado como dispositivo de registro, já que, conforme fala Weber (2009), permite que o pesquisador possa analisar os escritos posteriormente, percebendo cada etapa da reflexão e permitindo uma autoanálise da prática e o reavivamento, através da memória e dos escritos, daquilo que se vivenciou na pesquisa de campo.

O diário se configura em um “lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem/ocorreram, enfim, do que na escola e comunidade vimos, ouvimos e vivemos.” (OLIVEIRA, 2014, p. 71). A partir dele, registramos aquilo que experienciamos e como nos sentimos diante do vivenciado, daí sua importância para a pesquisa (auto)biográfica por permitir narrar a nós mesmos, na relação com o objeto de estudo e ao mesmo tempo, possibilitar analisar como estruturamos a pesquisa.

Segundo Delory-Momberger (2016), nós estamos constantemente relatando a nós mesmos nas situações que vivemos, transformamos em nossa experiência a “cada momento, cada espaço em que vivemos, nós os transformamos no momento e no lugar de uma história singular que é a nossa história: na realidade, estamos constantemente nos biografando” (p. 139). Com isso, estamos organizando nossos comportamentos e ações, criando uma narrativa reflexiva e auto referencial de nosso ser mesmo para que nos reconheçamos e nos façamos reconhecer pelos outros. A biografização se coloca como uma hermenêutica prática, uma interpretação na e através da prática vivente no ambiente social e histórico que permite a criação de um quadro de estruturação e de significação da experiência.

Este relato tem grande importância, uma vez que, se trata de uma experiência que foge ao típico, em função do momento atípico que vivemos. Aqui, tal como evidencia Delory-Momberger (2016), faz sentido falar sobre si, como se vive em um momento tão singular “para tentar entender como a narrativa ao mesmo tempo produz e permite vislumbrar a construção singular que um indivíduo faz de uma existência e de

uma experiência, elas também singulares, que integram e se apropriam desses elementos coletivos” (p. 142). O processo de fala permite perceber a relação entre individuação e socialização, saímos de nós mesmo e nos tornamos humanos no “espaço social e no tempo da existência”.

RESULTATOS E DISCUSSÕES

Segundo a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS, 2021), no dia 31 de dezembro a Organização Mundial da Saúde é alertada sobre os primeiros casos, na cidade de Wuhan, na China do até então desconhecido Coronavírus. Pouco tempo depois, o vírus já se disseminava por toda parte, segundo autoridades chinesas. A OMS declara, em 30 de janeiro de 2020, se tratar de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). O vírus já se disseminava por vários países e tem-se então a afirmação da OMS, em 11 de março, de que vivíamos uma pandemia de Covid-19. O Brasil declara emergência de saúde pública nacional no dia 3 de fevereiro. O primeiro caso é registrado em 26 de fevereiro. No dia 17 de março registra-se a primeira morte de Covid-10 no país e no dia 20 e uma portaria é lançada pelo Ministério da Saúde (MS) com a confirmação da transmissão comunitária em território nacional. (Agência Brasil, 2021)

Têm-se nos próximos meses uma total instabilidade na gestão da pandemia, com trocas de ministros constantes e um incentivo a manutenção do funcionamento das atividades econômicas, mesmo com as elevadas taxas de contaminação pelo Coronavírus no contexto brasileiro. Tudo isso se justifica em função das tomadas de decisão lentas e atenuadoras da gravidade da situação por parte do poder executivo, juntamente com desconhecimento pela população geral. (CEPEDISA; Conectas Direitos Humanos, 2021)

Enquanto estudantes e docentes em formação, ficamos imobilizados. As atividades escolares foram rapidamente suspensas pelos poderes públicos estaduais e municipais, contrariando o executivo nacional e evitando um mal ainda pior. Passamos por um longo momento de paralisação das atividades, acreditando falsamente em um retorno rápido a “normalidade”.

Pouco depois, percebemos que teríamos que conviver com o que foi chamado de “novo normal”. O novo que vivenciamos, a partir da análise dos problemas

evidenciados pela pandemia, segundo Boaventura de Souza Santos (2020), é somente a iminência de uma pandemia viral. Mas, as situações anormais das desigualdades sociais, violência e descaso com os mais vulneráveis, a instabilidade política que nos encontramos enquanto nação já estavam presentes e acabaram somente sendo agravadas em função da carência de respostas eficazes e rápidas para mitigar os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre os mais vulneráveis.

A volta às aulas ocorreu de forma remota algum tempo depois na educação básica de Minas Gerais. O retorno das escolas estaduais e municipais se deu em meados de maio. O Colégio de Aplicação João XXIII, onde se desenvolveu a prática de estágio que se busca narrar, teve seu retorno pouco tempo antes da UFJF, no dia 3 de agosto. As aulas da Universidade voltaram somente em 21 de setembro de 2020, para encerramento do primeiro semestre letivo deste mesmo ano, no dia 27 de novembro. O segundo semestre letivo teve início em 14 de dezembro, com fim no dia 22 de março de 2021.

A prática de estágio se inicia no dia 26 de janeiro, cerca de um mês depois do retorno das aulas da UFJF e seguiu até o fim do semestre, no dia 22 de março.

O Estágio Supervisionado I, na Licenciatura de Ciências Sociais, conta com carga horária de 140 horas, mais 60 horas de disciplina de “Reflexões sobre a atuação no espaço escolar”. Toda a prática de estágio supervisionado realizada no Colégio João XXIII, bem como a disciplina que ocorre associada a prática, ocorreu por meio do ERE. Não se permitiu em nenhum momento o tão esperado contato físico com a sala de aula, que ansiamos e receamos enquanto estudantes em prática. Tanto as aulas do Colégio de Aplicação João XXIII, que ocorriam dentro da plataforma Moodle⁴, quanto as aulas da UFJF e as reuniões do estágio, que ocorreram na plataforma Google Classroom⁵, foram virtuais.

A partir de Joye et. al (2020) podemos perceber que em certo sentido o ERE se aproxima do Ensino à Distância (EaD), quando se pensa que interação entre professores e estudantes ocorre em tempos e espaços diferentes e mediada ou não pelas tecnologias digitais. Porém a EaD é uma modalidade de ensino estruturada fundamentada em distintas estratégias de ensino aprendizagem e que se serve de equipe técnica especializada. De forma oposta, o ERE se coloca como uma transposição das

⁴ Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*) é uma plataforma virtual e personalizável de apoio a aprendizagem.

⁵ Classroom é um recurso da Google de gerenciamento e avaliação do progresso escolar. Configura um espaço de sala de aula virtual que permite a relação entre estudantes e professores através da internet.

modalidades com tempo e espaço definidos para os espaços digitais ou não, com grande responsabilização dos docentes, obrigados a se desdobrar visando garantir o acesso aos estudantes, ainda que de forma bastante diversa, ao direito a educação.

A prática ocorreu nas turmas dos dois professores titulares da disciplina de Sociologia, nos três anos do ensino médio do Colégio. Além dos professores regentes, a disciplina ainda contava com uma residente docente, do programa de residência próprio da Universidade.

As ações desenvolvidas ao longo do estágio foram: presença nos momentos síncronos, chamados de “Plantão”, acompanhamento das atividades e materiais postados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e participação nas reuniões dos conselhos de classe, também nos foi possibilitada a proposição e correção de atividades. A partir da experiência vivenciada em todos esses espaços, fomos incentivados a realizar narrativas sobre a prática, que resultaram neste trabalho.

O estágio foi um momento de grande aprendizado e de descobertas de possibilidades para a atuação futura, especialmente no que diz respeito ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas salas de aula. Mas também, para os riscos e perigos de se priorizar o método ao invés do aprendizado, que poderia levar a destruição do espaço-tempo escolar. Paulo Freire (2012) fala da importância de se conhecer e direcionar o olhar da curioso sobre as tecnologias, incluídas aqui as digitais, porém de forma crítica e colocadas a serviço da humanidade.

Numa primeira aula da disciplina de “Saberes”, junto aos demais estagiários, tive a oportunidade de escutar percepções do professor regente e da residente docente sobre as aulas no Colégio João XXIII. As percepções eram, de certa forma, positivas, apesar dos inúmeros problemas e dificuldades que os professores e estudantes enfrentavam, tanto no acesso, quanto na permanência nas atividades do ensino remoto.

Já no primeiro dia de estágio, ao acessar o Moodle me encontrei bastante perdido em meio ao excesso de conteúdos, eram inúmeras disciplinas, bem como, uma grande quantidade de materiais para estudo. Um ícone segregado das disciplinas dava acesso a “Sala de Plantão”, que perceberia posteriormente representar o principal espaço de convivência, e a meu ver, o mais efetivo na manutenção da relação professor-estudante e estudante-estudante.

Não foi simples encontrar esse espaço, nem ingressar na turma correta, por não estar familiarizado com o espaço. Essas são algumas das dificuldades oferecidas pelo

ERE e que provavelmente os estudantes não passaram, por terem tido acesso ao tutorial já apresentado anteriormente.

No espaço, só estavam presentes o professor e a residente, uma vez que, há entre turmas do terceiro ano na escola uma cultura de esvaziamento das aulas no período próximo ao encerramento do último trimestre letivo, em razão das provas do PISM (Programa Seriado de Ingresso ao Ensino Superior da UFJF) e do ENEM (Exame nacional do Ensino Médio).

Ao longo dos encontros de plantão, com turmas dos primeiros e segundos anos, já me encontrava familiarizado com o espaço de aprendizado. Os encontros ocorreram com a participação dos estudantes, em grande número, que contrapõe, relato de docentes da rede básica sobre o esvaziamento, na rede estadual, dos espaços de relação entre professor-estudantes. Aqui podemos pensar sobre uma questão que atinge principalmente os mais pobres, a carência do acesso à internet, ainda que os smartphones estejam bastantes difundidos, o acesso à internet ainda não foi universalizado alcançando cerca de 88% dos estudantes de escolas públicas via banda larga móvel segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), veiculada pelo Ministério das Comunicações (2021).

Somente na última semana de aula ocorreu um esvaziamento dos plantões de Sociologia em todas as turmas de primeiro e segundo ano em função das provas de recuperação e da iminência do Programa de Ingresso Seriado Misto (PISM) da UFJF. Nesse momento se percebe, conforme fala Luckesi (2008), o peso autoritário das avaliações para o ingresso no ensino superior e comprovação de aprendizado, percebe-se o papel classificatório e autoritário adotado pelas escolas de forma geral na relação com os estudantes. Embora, nas aulas de Sociologia do João XXIII não se perca de vista o caráter diagnóstico das avaliações, ainda servem para separar os aprovados, que respondem corretamente ao modelo de escola e sociedade exigidos, dos reprovados e atestar a aptidão dos estudantes.

Como estagiários, pudemos contribuir com os debates das aulas, que apesar de se constituírem em espaços para tirar dúvidas, acabavam se tornando espaços bastante produtivos de discussão e trocas sobre os temas estudados. Não eram todos que participavam, mas também não eram os mesmos a cada plantão. Os estudantes definiam o ritmo das discussões e dos encontros.

Essa experiência me permitiu vislumbrar como podemos usar as TICs como um espaço complementar, que garante expandir as possibilidades da prática docente no alcance dos estudantes, alargando as fronteiras das escolas. Um dos riscos é invadir em demasia a privacidade e o tempo dos estudantes e docentes. Porém, se bem utilizadas, poderá favorecer um processo de ensino-aprendizagem crítico e dialógico, em oposição a simples utilização metodológica, política visando informatização da educação, a diminuição de custos e a simplificação do processo educativo.

Nesse sentido podemos pensar as TICs, como sugere Valente (2018), como importantes propiciadoras do Ensino Híbrido, que mescla aspectos do ensino regular, mas envolvido com inúmeras outras formas e espaços que propiciam a aprendizagem. Podemos, conforme fala Moran (2018), pensar num Ensino Híbrido visando uma aprendizagem ativa, que rompe o conhecimento superficial para um conhecimento mais profundo e significativo. Pensando na educação dialógica de Freire, num contexto de sala de aula invertida, onde o foco da educação abandona a figura docente, transmissora de conhecimento através de uma educação bancária e se direciona seu foco para o estudante.

O conceito de sala de aula invertida bastante trabalhado por Bergmann e Sams (2016), ajuda nesse sentido por estender os espaços de aprendizagem permitindo um ensino mais personalizado e que se expande para fora das paredes da sala de aula, rompendo também com a pura transmissão do conhecimento criticada por Freire. O professor começa a ganhar o papel daquele que organiza e orienta os estudantes, que se coloca mais próximo, que conhece o educando de forma mais íntima. Aqui o ponto que pode gerar um grande problema é o número grande de estudantes para auxiliar e em especial nas turmas de Sociologia, o pequeno número de aulas.

Como a base teórica utilizada neste texto é Paulo Freire, não poderia deixar de mencionar a crítica que devemos ter como as metodologias ativas e com as TICs, levando em consideração que toda base metodológica não está dissociada da realidade, ou seja, não podemos tratá-las como meras técnicas, que poderiam ser aplicadas em qualquer contexto. Esta pesquisa nos mostra, como o Colégio investigado teve o cuidado para elaborar uma proposta de acordo com sua realidade. Houve um tempo de elaboração da proposta e de escolha das metodologias que seriam utilizadas. Do mesmo modo, outras instituições deveriam investigar primeiramente sua realidade, os anseios, dificuldades e saberes dos alunos, para a partir, repensarem sua prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ao longo do texto já estarem presentes muitos dos aprendizados e desafios vivenciados no ERE, aqui busco fazer mais alguns apontamentos específicos. Já que essa experiência conseguiu garantir saldos positivos e negativos, além de muitos aprendizados para pensar a educação e a atuação docente, posterior ao período emergencial.

Porém, percebe-se que o ERE no Colégio XXIII, dada a estrutura física e tecnológica, o preparo docente e amparo aos estudantes, se configura uma exceção, tal qual já se apresentava anteriormente ao ensino remoto. Uma realidade bem diferente de grande parte das escolas das redes municipais e estaduais. O Colégio garantiu aos estudantes acesso aos meios tecnológicos, via auxílios financeiros e empréstimo de dispositivos eletrônicos, possibilitando o acompanhamento das aulas, para além, conseguiu adaptar uma sistema já estruturado previamente para atender a realidade do Ensino Remoto, conseguindo com êxito, ainda que com percalços e sobrecarga do corpo docente, garantir o direito básico da educação aos estudantes.

O ERE ainda revela a importância da escola, enquanto espaço de socialização e de convivência das e com as diferenças, não podendo ser facilmente substituído ou migrado para um ensino a distância, sem gerar grandes perdas aos estudantes. Um saldo negativo do ERE é poder servir de prerrogativa para implementação de um ensino remoto ou à distância, já que os professores se desdobraram, se reinventaram e conseguiram efetivar a aprendizagem. Todos os autores que versam sobre o ensino híbrido defendem uma interrelação do ensino que ocorra nas salas e em casa.

Observando a partir da ótica de Sebastián Plá (2020), um adentramento da escola nos espaços individuais dos estudantes, dentro de suas casas, controlando tempos, propondo atividades, pode ser bastante problemático. Representando um modelo de ensino que serve como confirmação de verificação e qualificação desses estudantes em relação a um ciclo social pré-determinado, que responde a funções atribuídas pelo modelo econômico capitalista neoliberal.

A partir desses diagnósticos, Sebastián Plá (2020) nos chama a pensar sobre a escola, e como o autoritarismo, através de hierarquia e centralização pode acabar levando a escola para espaços privados, expandindo seu alcance e controle, bem como

controle dos pais sobre os estudantes e o conteúdo escolar, a carga de tarefas e tempo de dedicação, transformando a escola numa “escola total”, que acaba por perder seu papel de mobilização das diversas vozes e promoção da autonomia entre os estudantes.

A necessidade de não se “perder” o ano escolar fez com que a escola migrasse para o meio digital muito rapidamente, embora já viesse discutindo essas questões desde muito tempo. Nessa migração, observa-se como resultado a exclusão, além de um total distanciamento da realidade dos estudantes visando “impor o ensino em casa, antes de perguntar-se como oferecer suporte nesta crise de saúde à população que atende” (PLÁ, 2020, p. 33).

O autor nos fala de uma visão mais positiva, na qual acredita e que repensa a escola a partir do contexto pandêmico, reformulando seu papel, que se faça em função da sociedade que se deseja, refletindo assim em finalidades de promoção da coletividade e da autonomia intelectual, institucional e do combate à pobreza, a violência, fazendo-se em uma outra educação possível onde todos são importantes e se fazem importante na geração de mudança. “É preciso lutar por uma escola que, contra a virtualidade, invente novas formas de corporeidade; que seja comunitária em um círculo fechado, e solidária em escala nacional” (PLÁ, 2020, p. 37).

Desta forma, o ensino presencial deve ser defendido, frente a futuras propostas de transposição para o meio virtual, mas devendo sofrer modificações e acréscimos, principalmente em relação as questões metodológicas, de recursos didáticos e de avaliação que pudemos explorar no ERE, pensando na criticidade e autonomia discente. Com as TICs, podendo ser utilizadas pela escola, como mais uma ferramenta para auxiliar no trabalho docente. Porém, o caminho para garantir seu acesso universal é longo e demanda ações do poder público.

Desta forma, observamos a figura docente se fazendo indispensável para o exercício e condução do processo educativo, pois esses permitiram que a educação ocorresse em meio a uma crise sanitária e política ainda não findadas. Para além, foram aqueles que se permitiram reinventar, reformulando sua prática docente para o ambiente virtual de forma a possibilitar o aprendizado e o vínculo entre estudantes e escola e entre os estudantes e seus colegas de turma.

A partir de tudo que foi experienciado ao longo da prática do estágio, foi possível vislumbrar os desafios que envolvem a prática docente, mas para além, as possibilidades e formas de atuação que poderão embasar minha futura prática

profissional. Estagiar no ERE foi uma experiência singular, que suscitou inúmeros debates na área da educação, em especial na referência e uso das TICs, bem como, no papel docente no processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano. **Agência Brasil**, 26 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>>. Acesso em: 26 de jul. de 2021.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: **Penso**, 2018.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem . Rio de Janeiro: **LTC**, 2016.

BODART, Cristiano das Neves. Tempo para ensinar: reflexões em torno do reduzido número de aulas de Sociologia no Ensino Médio. **Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**. 24 de set. de 2018. Disponível em: <<https://abecs.com.br/o-professor-precisa-de-tempo-para-ensinar-reflexoes-em-torno-do-reduzido-numero-de-aulas-de-sociologia-no-ensino-medio/>>. Acesso em: 17 de jul. de 2021.

CEPEDISA; Conectas Direitos Humanos. Boletim Direitos Humanos na Pandemia mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta a COVID-19 no Brasil. São Paulo: **Conectas Direitos Humanos**, 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A PESQUISA BIOGRÁFICA OU A CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DE UM SABER DO SINGULAR. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica** 1, nº 1, jan./abr., 2016. p. 133-147.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: **Paz e Terra**, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 26. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2012.

JOYE, Cassandra Ribeiro; MOREIRA, Marília Maia; ROCHA, Sinara Socorro Duarte. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, 9, nº 7, 2020. p. 1-29.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: **Cortez**, 2008.

MCOM. Ministério das Comunicações. Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet. **Ministério das Comunicações**, 14 de abr. de 2021.

Disponível em: <<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>>. Acesso em: 26 de jul. de 2021.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (ENTRE)LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, 2, nº 4, 2014. p. 69-87.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. 2021. **Organização Pan-Americana da Saúde**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em 11 de Julho de 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. DOSSIÊ (AUTO)BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO: PESQUISA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, v.27, n.01, abr. 2011. p.327-332.

PLÁ, Sebastián. La pandemia en la escuela: entre la opresión y la esperanza. In: CARDIEL, Hugo Csanova (coord.). Educación y pandemia: una visión académica. Ciudad de México: **Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación (IISUE)**, 2020. p. 30-38.

UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora. **Colégio de Aplicação João XXIII**. 2021. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/joaouxiii/>>. Acesso em 16 de jul. de 2021.

UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora; CEAD. Centro de Educação a Distância. Tutorial para Estudantes Netiqueta no Ensino a Distância (EaD) e no Ensino Remoto Emergencial (ERE). Juiz de Fora: **UFJF**, 2020.

VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: **Penso**, 2018.

WEBER, Florence. A ENTREVISTA, A PESQUISA E O ÍNTIMO, OU: POR QUE CENSURAR SEU DIÁRIO DE CAMPO?. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, nº n. 32, jul./dez. 2009. p. 157-170.